

(Avôncio)

«HÁ QUE MUDAR DE VIDA, ENQUANTO É TEMPO».

RAMALHO EANES
no discurso de 25 de Abril na Assembleia da República

(Preço avulso: 5\$00) N.º 726
ANO XXI 10/5/1979

Composição e Impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
RIO MAIOR
Tel. 92091

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Loulé
Tel. 62536

FESTAS DE HOMENAGEM A NOSSA SENHORA DA PIEDADE

converteram-se numa exuberante manifestação popular de religiosidade e civismo

O transcorrido ciclo de festas em Loulé de homenagem e louvor a N.º Sr.ª da Piedade, averbou como é de seu timbre de longa data confirmado uma palpável legenda de religiosidade, de cívismo e devotamento populares, apanágios estes que dominaram por completo todos os actos e acontecimentos programados, os quais se prolongaram por vários dias, desde 15 a 30 de Abril último.

Divididas tradicionalmente, tal como são conhecidas e designadas pelo vulgo, de Festa Pequena e Festa Grande, integrando cada componente tanto cerimónias litúrgicas como eventos de cariz laico e cívico, este copioso surto de ma-



«SER GENTE» agradece e convida

Nós, os elementos do grupo «Ser Gente» agradecemos ao sr. Manuel Faria e ao director deste jornal por terem feito referências ao nosso grupo. E fazemo-lo não pela satisfação de sermos enaltecidos, mas porque achamos que o nosso simples exemplo poderá ser um incentivo para as camadas jovens se congregarem e fundarem novos grupos para darem às populações algo de si e ao mesmo tempo arranjarem forças para suportarem os problemas deste mundo alienado e corrupto.

O nosso grupo, por mais estra-

(Continua na pág. 2)

DR. MANUEL SOUSA

ALVES MATIAS

Tomou posse e começou logo no exercício das suas funções, no dia 6 de Abril último, o novo médico natural desta vila, Dr. Manuel Sousa Alves Matias, que no Hospital Concelhio de Loulé, exerce a assistência clínica das enfermarias, coordenação dos serviços de urgência e ainda as in-

(Continua na pág. 7)

TAP — UMA GRANDE EMPRESA EM PERMANENTE RENOVAÇÃO

(Conclusão)

No sector da informática, um dos mais sensíveis da empresa, 1/3 do pessoal trabalha 24 horas por dia, porque ai se concentra o cérebro de uma das maiores e mais dinâmicas empresas portuguesas.

Nos numerosos computadores analógicos e outros, se concentram todos os elementos da vida da empresa.

Depois de esgotada a capacidade de retenção dos discos, estes são arquivados automaticamente noutro sector para futuras consultas.

E é realmente impressionante a precisão com que este cérebro funciona e a incrível rapidez com que fornece os dados que lhe são solicitados, quer se trate de reservas, horários, meteorologia, linhas, passageiros, etc., etc.

Aliás este sector é essencial no ordenamento e matemático controle de todos os aviões da TAP, cuja frota actualmente é composta pelos seguintes aviões: 12 Boings 707, de 168 lugares; 7 Boings 707, de 118 lugares; 1 Boeing 727, de 166 lugares, e 2 Boings 747, de 370 lugares, os

(Continua na pág. 6)

A Voz do Algarve

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

FESTIVAL DE MÚSICA

dado pela Banda da Força Aérea em Loulé

Integrado nas Festas de Nossa Senhora da Piedade e de acorço com o programa dedicado para a respectiva parte cultural e cívica, a Banda de Música da Força Aérea, regida pelo maestro alferes Mario José da Costa Marques, louletano de raiz, actuou em grande plano interpretativo e orquestral no passado dia 30 de Abril último, no Cine-Teatro Louletano.

Escasso no início do concerto, o público foi acorrendo gradualmente e quando o sarau chegou ao seu termo, pouco espaço restaria para a sala de espectáculos ficar repleta.

No aspecto receptivo, a assistência, de um modo genérico, exteriorizou o seu agrado e apreço, ovacionando estrondosamente as composições executadas com mestria e afinação extremas pelos componentes da Banda da Força Aérea.

O programa estabelecido para (Continua na pág. 7)

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Os contemporâneos de Horácio, se ressuscitassem para ouvir Mafalda (a Democracia!) recitando a cantata admirável, associariam os seus aplausos da Assembleia

Crónica de LUIS PEREIRA

Dia 28 de Abril, mês quente, engracadíssimo, dotado de uma alma capaz de se aperfeiçoar e de se ornar. Loulé, pelas 15 horas de sábado, é uma vila minhada, as gentes a fugirem para Quarteira e outras, por óbvias razões sentimentais, destapando o seu olhar até Faro, onde se

sentem bem afi de corpo e alma, tamanzho é o conforto em redor de um ideal! Aqui, na Sala das Sessões da Câmara Municipal, nós próprios, os poucos presentes, servimos perfeitamente de decoração, tais são as nossas almas verdes, o arrepio da aragem, a exalação de frescura, o próprio murmurio da sei-

(Continua na pág. 5)

TURISMO E DEMOCRACIA

«CAMPANHA — Grande é a campanha desenvolvida revelaram-nos, para sanear da Comissão Regional de Turismo do Algarve o seu actual titular (Cabrita Neto, de quem o governador Carrapato não gostará quase nada), nela o substituindo por Luís Filipe Madeira, o tal senhor que, no início do «prec», afirmou, à varanda da Câmara Municipal de Albufeira, que o Turismo era «a prostituição de um povo». Claro que isso pressupõe pelo menos, que o sr. Madeira já tenha mudado de opinião».

(Continua na pág. 7)

Novos escândalos em Quarteira

(também cometidos no estrangeiro) e que uma nova e mais ampla visão prática está condonando, têm sido muito criticadas as asneiras cometidas em Quarteira.

Veja-se o que aconteceu em Torremolinos, a famosa praia do

sul de Espanha, onde grupos de ambiciosos, corruptos e egoístas, movidos pelo feroz e excessivo apetite do lucro, ergueram torres e torres de altos edifícios desumanizados pelo desmedido uso do betão armado. Eles se- (Continua na pág. 3)



As torres continuam crescendo em Quarteira e... os erros também!

«SER GENTE» agradece e convida

(continuação da pág. 1)

nho que pareça, não tem nenhum dirigente a coordenar as suas actividades. Apenas contamos com o apoio material e moral do sr. Padre Eliseu, mas mesmo assim muito limitado, dada a escassez de tempo e do dinheiro que dispõe.

Para quem gosta de teatro, ou pretende ingressar nele, que sirva a nossa pequena história de exemplo:

Este grupo começou por existir há cerca de ano e meio. A princípio não pensávamos sequer em fazer teatro. Começámos pelo espetáculo, mas, como este Movimento não era do agrado de todos, o grupo estendeu-se a outras actividades, como decoração e trabalhos manuais donde resultaria a nossa primeira realização palpável — Um presépio — com uma árvore de 12 m. Isto no Natal de 1977. Na primavera de 1978 foi criada a secção de Teatro. Passados dois meses levámos a cabo uma pequena peça em Faro intitulada «Dueto da Vida». No início do Verão começámos a acelerar as nossas actividades teatrais e fundaram-se as secções de música e dança. Em Setembro fizemos os nossos dois primeiros espetáculos, sóis e entregues à nossa fraca experiência. Tivemos duas noites de casa esgotada e, com modéstia à parte, foi um pequeno êxito aqui nas bandas de Quarteira. Depois disso voltámos a aparecer em cena em Loulé no palco da operação Pirâmide, mas apenas com o grupo de teatro. Passados alguns dias foi feito um espetáculo para crianças e fizemos novamente o presépio, o que queremos manter como tradição.

Não desejamos de forma nenhuma sermos os únicos em Quarteira. Desde sempre tentámos e procurámos dar o nosso apoio a qualquer iniciativa teatral. Por isso apoiamos a ideia do emigrante sr. Filipe Morgado Viegas, que desejou pôr em cena, uma peça da sua autoria. Pediu a nossa ajuda e desde logo, nos dispussemos a dar-lhe o nosso apoio e colaboração na

medida do possível. Juntámos à peça do sr. Filipe algumas das nossas canções e pequenas cenas cómicas e, decorridos poucos meses, as portas do Salão paroquial abrem-se e aí se fizeram dois espetáculos em que os bilhetes foram vendidos enquanto «o diabo esfrega um olho». Estava realizado o desejo do sr. Filipe. Surgiram vários convites de repetição do espetáculo que com o tempo iremos satisfazendo que aliás já começámos por satisfazer o convite das Pereiras. Embora entremos num período de fraca actividade, visto a aproximação dos exames, deixamos um apelo a todos os jovens: que o nosso modesto exemplo te leve a agir por causas justas e que te enriqueças através delas. Se tens alguns projectos e se quiseres o nosso apoio para o concretizar, conta connosco no que estiver ao nosso alcance. Achamos que já é tempo dos jovens deixarem de ser covardes e irem atrás da droga ou de qualquer outra forma de alienação e se sentirem responsáveis no destino do mundo de amanhã.

Se partilhas destas opiniões estás automaticamente convidado a fazer parte do nosso grupo e da sua árdua tarefa de recrear e instruir.

António Pinto e
Florindo Sousa

VENDE-SE

AUTOMÓVEL

Opel Record, 1.700 (cilindrada) em estado novo.

Tratar pelo telefone 62631 LOULÉ (das 13 h. às 14 h. ou a partir das 20 h.).

(3-3)

COMPRA-SE

Pistola 6.35 em bom estado. Resposta ao n.º 37 da Av. José Costa Mealha — LOULÉ.

(2-2)

APARTAMENTOS E LOJAS

VENDEM-SE, NO MELHOR LOCAL DA VILA, EM ACABAMENTO E DE LUXO.

TRATAR COM SR. MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — TELEF. 62449 — LOULÉ.

A CONTABILIDADE É NECESSÁRIA

TÉCNICO DE CONTAS COM 15 ANOS DE INSTRUÇÃO E IDÓNEO PARA ORGANIZAR E DIRIGIR NÃO APENAS PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE, MAS TAMBÉM ASSUNTOS FISCAIS E ESTATÍSTICOS. DISPÕE DE ALGUM TEMPO LIVRE.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 41.

Manuel António Madeira e Afonso Domingos Rodrigues Seromenho, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de onze do corrente mês

LOULÉ



JOSÉ DA SILVA
MALTEZINHO

AGRADECIMENTO

Sua mulher e filha, receando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantas se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada, numa sentida manifestação de pesar que não podemos esquecer.

Quinta Monte Novo

LOULÉ



MANUEL PIRES JÚNIOR

AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

de Abril, de folhas 50 a 52, do Livro n.º C-58 de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima indicado, foi constituída entre Manuel António Madeira e Afonso Domingos Rodrigues Seromenho, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma de «Manuel António Madeira e Afonso Domingos Rodrigues Seromenho, Lda.» e tem a sua sede no sítio dos Solões, freguesia de São Sebastião, concelho de Loulé.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado, e conta o seu início a contar desta data.

3.º — O seu objecto consiste na exploração de um restaurante, snack-bar e similares, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade que os sócios acordem e não seja proibida por lei.

4.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social é de cento e quarenta mil escudos, dividido em duas quotas, do valor nominal de setenta mil escudos, cada, pertencendo uma a cada sócio.

5.º — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, mas é livremente permitida entre os sócios, gozando a sociedade e os sócios, respectivamente, do direito de preferência no caso de cessão a estranhos.

Art. 6.º — 1. — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, ativa e passivamente, pertence aos sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. — Para obrigar validamente a sociedade é necessária a assinatura dos dois sócios gerentes, conjuntamente, bastando qualquer uma delas, para os actos de mero expediente.

3. — A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

7.º — Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

Secretaria Notarial de Loulé, 16 de Abril de 1979.

O terceiro ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

Cabaça — Salir



ANTÓNIA MARTINS

AGRADECIMENTO

Sua família vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Agência Cavaco — Loulé

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS
CARTAZES PUBLICITÁRIOS



Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA

(10-9)

CAFÉ DELFIM

TRESPASSA-SE

COM SNACK-BAR E SALÃO DE CHÁ.

NO MELHOR LOCAL DA VILA.

TRATAR PELO TELEF. 62093 — LOULÉ.

(4-3)

FESTAS DE HOMENAGEM a Nossa Senhora da Piedade

(Continuação da pág. 1) ticipou em todos os actos de corridas, desde que a exelsoa imagem da Mãe Soberana transpôs os umbrais do seu santuário, situado no cimo de um íngreme cerro, desceu à vila e aqui permaneceu entre os devotos, rodeada de orações e cânticos, até ao seu regresso, à capela, onde permanecerá patente à unção dos inúmeros fiéis e peregrinos.

Outra vez e com igual fervor, o povo esteve presente espontaneamente, e mais uma vez fez uma demonstração cabal do seu pendor congenitamente religioso, e de aderência e fidelidade incontráveis a um culto de arreigada interiorização.

As Festas e N.ª Senhora da Piedade, traduziram como se depreende uma indefectível e perentória vinculação espiritual que vive e sobrevive na alma simples do nosso povo.

Tem cabimento, entretanto, discernir o motivo por que as celebrações são conhecidas por Festa Pequena e Festa Grande.

Em função do tempo, a Festa Pequena tem mais longa duração, pois comporta 14 dias, enquanto a Festa Grande, apenas 1 ou 2 dias.

No interior desses mencionados 14 dias, realizaram-se a maior parte das cerimónias litúrgicas e rituais. Com efeito, tiveram lugar durante esse período, a procissão da veneranda imagem de N.ª Senhora da Piedade para a Igreja de São Sebastião, celebrações da Eucaristia, recitação do Rosário (Novenas) e pregações alusivas.

Todavia os dois últimos dias programados, foram precisamente os mais relevantes, especialmente o dia 29 de Abril, que foi ampla e intercaladamente preenchida com acontecimentos religiosos e cívicos.

Logo pela manhã houve as celebrações da Eucaristia, logo seguidas de procissão com destino ao Largo do Monumento, onde, já da parte da tarde, se celebrou Eucaristia campal e pregação, a qual foi presidida por Sua Ex.º Rev.º o Bispo da Diocese de Faro, D. Ernesto Gonçalves Costa.

As cerimónias religiosas culminaram depois, de forma inesquecível, com a procissão final pelas principais ruas da vila, paragem no Largo de S. Francisco e prosseguimento, desta feita em ritmo vivo se bem que cadenciado e triunfal até ao Santuário, erguido na crista do monte fronteiro à Vila.

Aí teve lugar então uma deradeira e vibrante saudação à Santíssima Virgem, que encerrou o empolgante ciclo de cerimónias sacras.

Merce referência particular não só a incrível multidão que acompanhou todas as celebrações, co-

mo o ardor, o fervor e o entusiasmo que transbordaram num espetáculo ímpar e arrebatador («adeus») à imagem da Mãe Soberana.

Decerto, a incomum e gigantesca mole humana incorporou muita gente vindas de perto e de longe, de fora e de dentro do Algarve, que em romagem, jornaou até Loulé e o elegeram como meta de ambicionada e cumprida romagem, tendo para isso utilizado diversos meios de transporte, desde o autocarro das excursões colectivas até ao automóvel e outros veículos.

Na procissão final tomaram parte as Bandas de Torres Vedras e dos Artistas de Minerva (Música Nova) e ainda a fanfarra dos Bombeiros de Faro.

A nota dominante desta inovável procissão em que a imagem da Mãe Soberana se destacava num andor decorado com inexcusável carinho e primor, foi dada quando depois do intervalo havido no Largo de São Francisco o cortejo irrompeu em marcha triunfal, sempre acompanhado pelos acordes da Música Nova, infundindo incontida vibração carregada de transbordante entusiasmo e emotividade, tanto a quem nele cerrou fileiras como a quem, na qualidade de curioso expectador ou de simples devoto, abria alas à sua passagem;

Num aceno de despedida, os lenços saíram dos bolsos e agitaram-se febrilmente enquanto aclamações — «Viva a Mãe Soberana» — se fizeram ouvir por sobre o estrépido processional, misto notas musicais, de passos rumorejantes e de monologadas orações e de clamores.

Num breve espaço de tempo foi coberto o itinerário que separa o Largo de São Francisco do Santuário.

Onde porém a procissão ganhou maior expressão espectacular foi na ladeira do serro de acesso à ermida.

Não só o caminho estava atapetado de gente, como as mínimas saliências do terreno eram aproveitadas para se empoleirarem e acomodarem os mais ouvidos e jovens.

Não obstante a inclinação íngreme do caminho ao ritmo do próspero que parece ter ganho impeto para escalar o céu, só se detendo quando atingido o termo do percurso, isto é no largo que serve de pórtico à antiga capela de N.ª Senhora da Piedade, situado bem na crista do monte.

Só, a partir desse instante, é que se desfez a espécie de magia que parece ter prendido até aí a multidão, que começou a dispersar.

Não deixaram de granjear merecido brilhantismo as efemérides complementares de feição laica e cívica integradas nas Festas da Mãe Soberana.

Há que realçar e não esquecer a colaboração artística e cultural das Bandas Filarmónicas de Torres Vedras e de Loulé que brindaram o público com concertos musicais, nas noites de 23 e 29 de Abril, que teve esta última como apoteose a queima de visito fogo de artifício.

O público por seu turno dei-

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
n.º 31 — Tel. 62406
LOULÉ

(10-7)

Trespassa-se
SNACK-BAR - CERVEJARIA - RESTAURANTE

GRILÓ

ANTIGA CASA «MÃE SOBERANA»

Rua 1 de Dezembro, 28 — Tel. 62737 — Loulé

Tratar com o solicitador João Iria
Largo D. Pedro I, 15 — Tel. 62187 — LOULÉ

(3-3)

QUEM PRETENDE ANIQUILAR O TURISMO?

xou transparecer nas ovacões tributadas o seu apreço retribuindo da melhor forma e sem hesitações e sem parcimónias.

No passado dia 30, a coroar a parte cívica, atacou de modo magistral a Banda da Força Aérea, que atraiu ao Cine-Teatro Louletano larga assistência a qual atestou a referida casa de espetáculos.

A Banda da Força Aérea, mais uma vez deu provas de aprimorada afinação e domínio musicais. Por outro lado a bem escolhida selecção de composições executadas (noutro lado referenciadas), a denotar o acusado gosto do seu maestro, deve ter facilitado o êxito que constituiu o seu concerto, a juntar a outras tantas quantas visitas desta credencia embajada musical a esta Vila de Loulé.

Foram, portanto, condizentemente emolduradas as Festas da Mãe Soberana, que mantêm a consagração de uma tradição e de um devotamento que vêm do passado e hão-de projectar-se no futuro.

J. C. VIEGAS

Segundo declarações do Presidente da CRTA, sr. Cabrita Neto, a Comissão Regional de Turismo do Algarve está a viver de reservas dos exercícios económicos anteriores, devido ao facto de não ter entrado naquela comissão, desde Janeiro, qualquer verba proveniente do imposto de Turismo, que está a ser arrecadado pelas câmaras.

Esta situação compromete seriamente a promoção turística, a valorização e divulgação do Algarve. Por outro lado, desmotiva os trabalhadores da respectiva indústria, desencoraja os empresários no sentido do investimento, permite «prostituir» a qualidade turística de nossa região, que passará a ser visitada pelos tesos de sacola que não deixam quaisquer divisas para o nosso País.

Repare-se como a maioria de esquerda joga contra a salvação económica da Torralta e apostava num turismo endereçado a experiências abstractas no sentido de aniquilar o desenvolvimento de um turismo de qualidade que nos possibilite o engrandecimento

económico do País. Os esquerdistas não estão interessados na recuperação económica, isso prejudicaria a divulgação das suas doutrinas e a baixaria onde gritam os seus sofismas. O que se passa no turismo é também um problema político. Vede como a TAP reage negativamente em épocas de fluxo turístico, apoiada pelo labirinto de palavras de maioria de esquerda. Olhei as intervenções dos deputados socialistas, nomeadamente um algarvio que faz muito turismo, e logo comprendereis como se afastam da realidade da nossa província.

Há muito que as verbas são diminutas e ridículas. Ainda muito tem feito a Comissão Regional de Turismo do Algarve que, sem mãos a medir, tem-se esforçado por desenvolver uma das nossas fontes de riqueza, mesmo sofrendo com a incompreensão dos ignorantes e a malvadez dos desestabilizadores.

No entanto, os algarvios terão uma palavra a dizer nas próximas eleições.

Luis Pereira

NOVOS ESCÂNDALOS EM QUARTEIRA

(Continuação da pág. 1)

rão elementos imprescindíveis nas estruturas dos grandes aglomerados citadinos, mas desfiguradores de qualquer meio e qualidade de vida, que a serenidade e beleza das estâncias balneares e termais requerem para o seu «modus vivendi».

Cometeram erros tremendos e irreparáveis e agora, muito curiosamente, tal como aconteceu (também) com a nossa Revolução, continuam não apenas a cometer-se os mesmos erros, mas a fazerem-se outros ainda mais condenáveis, os quais até já fazem levantar suspeitas sobre as suas verdadeiras intenções.

As pessoas falam, barafustam, a Assembleia Municipal de Loulé agita o problema, fez moções de desconfiança, moções de censura, pede inquéritos, denuncia escândalos, faz investigações e... tudo fica na mesma, parecendo esbarrar com um poder omnipotente ainda mais ditatorial do que no tempo de um partido único... em que não havia nem crítica, nem diálogo, nem liberdade de imprensa para se dizer as verdades.

Parece que estamos voltando ao tempo, mas para pior ainda, em que a Rádio Argel proclamava: «Eles comem tudo. Comem tudo e não deixam nada!». Ou então diremos: «Eles estragam tudo e não fazem nada... com jeito».

Fala-se em democracia e em democratas, mas quem está no poder faz ouvidos de mercador quando não convém ouvir críticas nem apelos.

Só assim se justifica que, depois de tantos erros (até já foram reconhecidos como tal) se permita agora a construção de um prédio no topo de uma rua... só porque fica com vista para o mar!

É verdade que a população já baptizou esse prédio como sendo o seu «Arco do Triunfo», por, segundo parece, ficar sobre uma rua mas o caso (triste caso) é que o triunfo será apenas para mais alguns que poderão passar a disfrutar de vista para o mar... sem se importarem com quem venha a ficar por detrás de um prédio de 6 andares.

Há quem alegue que construções daquele tipo se vêem nas grandes cidades... para facilitar o trânsito que passa por debaixo, mas não acrescentam que esses prédios não se construiriam para ficar com frente para o mar e tapar a vista aos outros que venham depois.

as pessoas gostavam de estar juntinhos ao mar, então porque se recusa um projecto audacioso (mas já pretendido) de se proceder à construção de um restaurante na extremidade de um dos molhes já construídos em Quarteira?

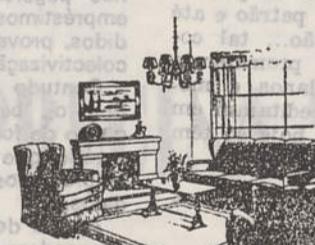
Será que as autorizações continuam a ser ou não concedidas conforme as pessoas que as pedem?

Em Quarteira certas construções são permitidas qualquer que seja a cerca.

E Loulé permite-se um prédio de 3 andares, mas o vizinho do lado só pode subir até ao 1.º andar... sem que qualquer deles esteja no entroncamento de ruas!

... E na Avenida José da Costa Meialha, que tem cerca para 10 andares, só se pode construir até ao 4.º andar, para... que não passemos da mediocridade e para demonstrarmos à saciedade que somos um país de pequenas, médias e pequeninas grandezas. Grandezas? Só na mediocridade.

Se a justificação for de que



Casa Simão
A MOBILIADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

34, Avenida Marçal Pacheco, 35 a 51

L O U L É

Mobilias completas em todos os estilos e móveis avulso

Candeeiros — Decorações — Estofos — Colchoaria

Assembleia Municipal de Loulé

(Continuação da pág. 1) va, bruta ou elaborada, não distingue!

Próximo ponto dos trabalhos: Apreciação da Conta de Gerência e Relatório do Exercício de 1978.

A Dr.^a Odete ao falar congratula-se com a apresentação, pela 1^ª vez, do relatório e contas da Gerência, mas avverte logo um parentes, dizendo poder não concordar com a maneira como as verbas foram gastos. «É um momento, espectador acautelado, porque por em causa as autoridades, humanas, de uma Câmara.

No relatório da Gerência podemos ler: «Tendo-se confirmado o que se previa aquando da elaboração do Plano de Actividades para o ano de 1978, não foi no decorrer dessa gerência homologada e publicada a Lei das Finanças Locais e, assim sendo, debatê-se esta Câmara com graves dificuldades financeiras que obstaram a que fosse dada satisfação a maior parte das necessidades do Concelho por não dispôr de meios para poder executar a maioria das obras que haviam sido planeadas».

Verificamos, portanto, que nem as mãos piedosas de freira ou de frade teriam plantado uma árvore ou construído uma casa em benefício dos pobres, pois o dinheiro tornou-se um deus poderoso e quase insensível. Quando não há, chapéu!

No decorrer da gerência de 1978 foi arrecadada a receita ordinária do quantitativo de 38 578 108\$10, um aumento de cerca de 13 500 000\$00 em relação à cobrada no ano anterior. Neste quantitativo inclui-se o subsídio concedido pelo Estado para as despesas com o pessoal, cuja importância foi de 9 405 000\$00. Os restantes, cerca de 4 000 000\$00, distribuiram-se por várias receitas com destaque para os adicionais às contribuições gerais do Estado, onde se verificou um acréscimo de cerca de 2 700 000\$00.

A Dr.^a Odete desdobrou um leque de interrogações, afirmando que ouvira dizer que os carros da Câmara fazem gastos desnecessários e que vão a ser rara fazer propaganda política. Quanto a um caso concreto de que um carro da Câmara teria ido a Lisboa, o Presidente do Município explicou que tinha ido efectivamente a Lisboa com uma equipa técnica e alguns moradores de Quarteira tratar do problema da habitação social com o Ministro das Obras Públicas e do Fomento de Habitação. O homem da A.P.U., o sr. Gonito, afirmou que nas suas deslocações levava o carro de combustível mais barato e que não ia fazer propaganda política mas sim contactar com os respectivos presidentes das Juntas e população. Apelou para a fiscalização das estradas que se estão a fazer, considerando-as caminhos pintados de preto e não estradas alcatroadas.

Tornou-se irremediável a nitidez da conversa de chacha, algumas intervenções assentes no caminhar bem amargo desta triste Mafalda (a Democracia!), o ar tornando-se abafado pelo respirar morno que se mexe e remexe, que se volta para um e outro lado, nos cadeirões on-

de se ralha e não se orienta um rumo.

O sr. Manuel Faria perguntou o custo da escada «Magirus». O Presidente da Câmara explicou que não foi necessário contrair empréstimos dado o contacto directo com a Secretaria de Estado e a Direcção Geral do Turismo que contribuiram com as verbas necessárias para adquirir a escada que importou em 9 705 200\$00.

Posta a votação a Conta de Gerência e Relatório do Exercício, foi aprovada por maioria com 5 abstenções (2 da A.P.U. e 3 do PSD).

A Dr.^a Odete justificou a abstenção do PSD, considerando que os dinheiros públicos não foram bem canalizados.

Relativamente as taxas das sentinas e lavadouros que se cintavam em \$30, a Câmara apresentou uma proposta para passá-las para 2\$00, justificando-se pelo desperdício de água que se faz. Quanto aos lavadouros a proposta foi rejeitada com 7 votos contra e 6 abstenções, tendo sido o PSD a pedir a abolição da taxa. No tocante às sentinas voltaram 9 a favor da taxa de 2\$00 e 4 abstiveram-se.

O segundo ponto da ordem de trabalhos consistia na elaboração do Calendário das Sessões Extraordinárias da Assembleia, nas Freguesias do Concelho.

A primeira reunião ficou marcada para o dia 6 de Maio, pelas 15 horas, na Esplanada de Quarteira. O sr. José Ferreira Torres apresentou um documento propondo que se deslocassem a essas reuniões técnicos da extensão rural e outras pessoas qualificadas, no sentido de esclarecerem as populações acerca da problemática agrícola. Depois de lamentar que Loulé, um dos maiores concelhos agrícolas, continue completamente esquecido, o seu documento não encontrou eco entre os presentes e seria reprovado com 6 abstenções. Não há dúvida que o agricultor continua a ver-se com a corda na garganta, desprotegido, carregado com o saco da inflação, sacudido e diluído no obscurantismo.

E quando chegou o terceiro ponto foi um espanto. Cavou lagos, escureceu recantos e pelos vendavais expôs-se ao público. Apreciação e parecer sobre a cobrança do Imposto de Turismo nos termos da Lei das Finanças Locais, reestruturação da C.R.T.A. e protocolo a estabelecer com a Secretaria de Estado do Turismo. O Presidente da Câmara começou por criticar certo sector da imprensa que tem deturpado, na sua opinião, a realidade dos factos. Queixou-se dos boatos e afirmou não existir nenhum presidente de Câmara que pretenda a eliminação da C.R.T.A. A Lei das Finanças Locais diz que são de arrecadar pelas Câmaras as verbas destinadas ao Turismo. Foi deliberado junto da Secretaria de Estado do Turismo iniciar-se um protocolo sob pena das actividades de promoção e animação turísticas serem canceladas. O protocolo está em vésperas de ser assinado e determina que as Câmaras contribuirão até 50%; isto é, se as necessidades da C.R.T.A. forem menores ela não receberá os

50%, eis porque se emprega a preposição ate.

Mas se as verbas de promoção já eram minúsculas e minúsculas...

Segundo o Presidente da Câmara se nouver uma fiscalização eficiente no sector do Turismo as receitas deverão quadruplicar o que só beneficiariam os com isso.

No entanto, o sr. Manuel Faria, do PSD, pôs em dúvida a capacidade das Câmaras no que respeita à gestão do Turismo.

Uma intervenção alcatifada de vermeiro foi a do sr. Gonito que considerou a Lei das Finanças Locais como um documento revolucionário que, apesar de tudo, dá metade do bolo das verbas do Turismo para as infraestruturas locais. Ele é da opinião que as riquezas do Turismo sejam empregadas na beneficência do interior rural.

O Presidente da Câmara voluntaria a repetir que as Câmaras não querem gerir o Turismo, querem é saber onde os dinheiros são aplicados, logo o quadro da Comissão Regional de Turismo deverá ser mantido sob a responsabilidade das Câmaras.

No meio de contrastes, de hipérboles e de paralelismos, ficámos com a sensação de uma luta político-pessoal descendo em planos sucessivos até aos arborecentes gestos expressivos dos socialistas, que dominando todas as Câmaras algarvias, excepto a de Monchique, não iriam desmanchar a valsa das cadeiras.

Na votação do protocolo a estabelecer com a Secretaria de Estado do Turismo votaram 9 a favor e 3 abstenções.

Neste período das vacas magras, quando a maçaroca a distribuir não chega para todos, acentua-se a luta político-pessoal e depois, a Mafalda (a Democracia!) vai ficando com a pele irritada, uma brotoja insuportável e os olhos cegos.

Luis Pereira

RESPONDENDO AO DR. DIAS COSTA

(Continuação da pág. 4)

seguissem incutir ânimo aos oficiais e soldados e marinheiros a lançar mãos a essa obra grandiosa de desviar o curso do Tejo.

Experimente, Dr. experiente, experimente e V. Ex.^a pode deixar o seu nome ligado a uma grandiosa obra.

Sabe, caro Dr., gostámos muito daquela sua patriótica frase:

«a terra de Portugal é dos portugueses». Só que achamos contraditório escrever isso e depois defender uma «Agrária» que traria para a terra portuguesa os cubanos, os búlgaros, os checos, alemães (de Leste), os «técnicos» soviéticos, etc., etc., tal como está acontecendo com a «Agrária» angolana e moçambicana.

Então sr. Dr. não vê o que se passa em Angola e Moçambique, onde os soviéticos se instalaram para explorar a mão de obra barata dos nativos e aproveita-

rem as fabulosas riquezas das nossas antigas províncias ultra-marinhas?

Além dos riquíssimos minérios de Angola (eles agora cobram as riquíssimas zonas pesqueiras das 2 costas e já mandaram os homens da R.D.A inventariar os sectores de ouro, cobre, asbestos e pegmatites existentes em Moçambique).

... E em 1975 falaram logo em explorar os minérios de Monchique...

Rimos às gargalhadas com aquele aparte de que para se fazer justiça social é necessário entregar aos comunistas os 700 mil hectares excessivamente acumulados e ainda a expropriar.

E que isso faz-nos lembrar o que há tempo nos aconteceu com um agente angariador de trabalhos e que recusou entregar-nos o dinheiro dum factura já recebida porque... não lhe tinham pago ainda a percentagem correspondente a que tinha direito... E nem ele nos pagou a factura, nem nós lhe entregamos a percentagem. É a tática dos vigaristas quando não querem pagar as suas dívidas...

Com interlocutores assim, o diálogo é impossível.

(Continua no próximo n.º)

Cadeiras e Mesas

Vendem-se mesas e cadeiras (de restaurante e café) de ferro e fórmica, estofadas, em estado novo.

Tratar pelo telefone 65390 — QUARTEIRA.

A.I.A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO

COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS

BILHETES DAS EMPRESAS:

MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo) — QUARTEIRA — ALGARVE

GARDENS AND SERVICES NLIMITED

PESSOAL - PRECISA-SE

PARA JARDINS:

- Ajudante canalizador
- Electricista ou Ajudante e outros

Contactar nos escritórios desta firma,
ao lado do Restaurante Pitucha em Almansil

GRÁTIS



**VIDA
RURAL**

REVISTA DIRIGIDA PELO ENG. SOUSA VELOSO

A TÉCNICA E A PRÁTICA NO CAMPO

Envie-nos a sua morada num postal e receba na volta do correio sem qualquer compromisso da sua parte, um exemplar grátis.

RUA RODRIGUES FARIA, 103 - C. P. 1300 LISBOA

TAP - Uma grande empresa em permanente renovação

(Continuação da pág. 1) quais operam na Europa, África e Américas.

Uma empresa que só em Lisboa tem cerca de 6 000 empregados (em Faro são 300) tem, evidentemente, complexos problemas humanos que não pode descurar. Entre eles figura o factor alimentação que está praticamente resolvido com o funcionamento de uma cantina com capacidade para servir 5 000 refeições por dia (em 3 escalões) ao preço irrisório e mínimo de 11\$00 para quem tenha ordenado inferior a 9 000\$00 e um preço máximo de 49\$00 para os ordenados mais altos.

Quando um automóvel tem uma pane na estrada, podemos encostá-lo e chamar o mecânico. No ar é diferente. O avião não pode parar no ar para se proceder a reparações. Por isso os modernos aviões têm 4 motores que trabalham independentemente e dispõem de um sistema eléctrico que possibilita poupar mesmo com os 4 motores parados.

No entanto, os aviões são revistos após cada viagem de longo curso e lidas as fitas magnéticas das célebres «caixas negras» que registam, automaticamente, todas as ocorrências da viagem, quer se trate de velocidade do vento, ou duma avaria, habilitando assim os técnicos a melhor saberem as causas de acidentes registados. Parece agora estar provado que essas «caixas» contribuíram muito para se chegar à conclusão que o avião da TAP se despenhou na Madeira porque uma forte «rabanada» de vento incidiu no avião no momento exato em que este pousou no terreno molhado e portanto com pouca aderência, forçando-o a elevar-se de novo.

Porém, quando voltou a aterrizar já estava no fim da pista... porque esta era curta.

... E foi o fim.

★

Recentemente um nosso conterrâneo e dedicado assinante no estrangeiro manifestou-nos o seu desapontamento por ter chegado dos Estados Unidos num avião da TAP e ao chegar a Lisboa foi informado de que pouco antes partira um avião para Faro e que só à noite teria outro. Ele protestou porque não se conformava passar um dia inteiro no Aeroporto com as malas, não podia ir passear carregado nem iria passar o dia num hotel. Optou por um táxi, o que não foi nada barato.

Na altura pareceu-nos que aquele nosso conterrâneo estava cheio de razão mas pelo contacto que tivemos com o Delegado da TAP em Faro, sr. Renato Sousa, ficámos sabendo que o referido avião tem

que deslocar-se a Faro à hora estabelecida para... poder estar de regresso a Lisboa a horas de seguir para outras cidades da Europa as horas mais convenientes e de maior incidência de tráfego. Não adianta as pessoas dizerem que «seria menor» as carreiras Faro-Lisboa-Porto serem servidas por um avião só para esse fim, por já se ter concluído ser economicamente impraticável ter aviões parados à espera da hora da partida e outros parados... porque já cumpriram o seu horário diário.

O estudo deste problema foi feito até ao infinito pormenor, não sendo viável esperar, por exemplo 20 passageiros da América e perder 160 que pretendiam seguir para Paris...

Também nos foi revelado que, muitas vezes, os passageiros ficam admirados com o atraso dum avião, mas que ignoram que um avião só pode levantar voo se estiver 100% operacional e que no ecrã não pode aparecer uma luz vermelha se, em dado momento, ela tiver que ser verde. E, geralmente, nem sequer é possível informar se falta 2 minutos para partir ou se 2 horas...

★
UM PROBLEMA CONTROVERSO

Propositadamente deixámos para o fim o que se nos oferece dizer acerca da nova sigla TAP, a qual tem provocado algum espanto e controvérsia.

Como o leitor deve saber (é isso já foi dito neste jornal, a «TAP» passou a chamar-se (também) «Air Portugal» e isso nos levou a sondar das raízes duma mudança que, aparentemente, pode parecer que terá aspectos negativos, dado que se introduz uma palavra estrangeira (embora quase tão mundialmente conhecida como o é a palavra «stop») numa companhia nacional.

A verdade, porém, é que o objectivo da mudança foi exactamente pretender ligar o nome de Portugal a uma empresa portuguesa, para uma mais rápida e clara identificação, porque lhe interessa, essencialmente, um aumento de penetração nos mercados tradicionais e para os quais (falam 35 anos de experiência) as palavras «Transportes Aéreos Portugueses» não dizem praticamente nada, até porque a sua leitura é totalmente deturpada pelos estrangeiros que não sabem ler nem traduzir as palavras «transportes» e nem sequer «aéreos» e, às vezes, até nem mesmo «portugueses».

Para os holandeses, por exemplo, a palavra TAP tem exactamente o mesmo significado que, para os portugueses, a palavra Bar, o que tem proporcionado, naquele país, uma imagem perturbadora da nossa TAP. Poderia ser curioso saber-se que a TAP teria tantas sucursais na Holanda, mas altamente des-

prestigiante o saber-se que os nossos aviões eram, para os holandeses, bares voadores...

O prestígio que a TAP adquiriu ao longo de 20 anos mantém-se porque esta sigla não foi banida, mas, a partir de Junho, há uma harmonia de imagem com clara identificação de Portugal em relação à sua companhia de aviação. E também a nossa bandeira donde, felizmente, o verde (da esperança) não foi banido.

E isso deve ser justo motivo de orgulho nacional porque há um país que se identifica ligado a uma palavra que todo o Mundo culto conhece. E há também um incentivo de qualidade para todos os trabalhadores da TAP.

E nem sequer se poderá alegar que se trata de uma mudança dispendiosa, pois as despesas iniciais serão cobertas pelos 50 mil dólares que a companhia «Boeing» destinaria a publicidade como consequência da compra do novo «Boeing 727» que chegaria a Portugal em Junho próximo.

Além disso a mudança de cores far-se-á ao longo de 3 anos e portanto a medida que os aviões careçam de ser pintados.

Fomos esclarecidos das muitas confusões geradas no estrangeiro com a palavra TAP e por isso concordamos em que «Air Portugal» e a pintura da bandeira nacional poderá dar uma nova e boa imagem dumha companhia que opera, essencialmente, no estrangeiro, já somos (agora) tão pequenos que bastam 2 carreiras internas para ligar o norte ao sul.

Com a transferência das nossas províncias ultramarinas para as mãos dos neo-colonialistas, a TAP perdeu as melhores e mais lucrativas carreiras, pois o racismo lá implantado fez fugir ou expulsar os brancos que tinham possibilidades de utilizar o avião como meio de transporte.

Dantes éramos ricos e grandes. Agora, pequeninos e pobrezinhos.

... Mas a TAP continuará espalhando o nome de Portugal por toda a parte.

BOUTIQUE LUAUTO,

LIMITADA

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odilia Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifício, para efeitos de publicação, que por escritura de 3 de Abril corrente, lavrada de folhas 34, v., a folhas 35 do Livro n.º B-58 de Notas para Escrituras Diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Avenida José da Costa Mealha, n.º 37 e 39 desta vila e freguesia de São Clemente, com a denominação de «Boutique Luauto, Lda.» partilhados os bens sociais, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O terceiro ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

Rodriguez & Arostegui, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odilia Simão Cavaco
e Duarte Chagas

lor nominal de vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

4.º — É livre a cessão de quotas total ou parcial entre os sócios, mas a estranhos depende do consentimento da sociedade.

5.º — 1. — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence aos dois sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

2. — Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura dos dois gerentes, em conjunto, bastando qualquer uma delas para os actos de mero expediente.

3. — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto social, designadamente prestando fianças, abonações, avales, sacar e aceitar letras de favor.

6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos oito de antecedência.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 11 de Abril de 1979.

O 3.º ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

Padarias Vargues & Filhos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odilia Simão Cavaco
e Duarte Chagas

5.º — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, mas é livremente permitida entre os sócios, gozando a sociedade e os sócios, por esta ordem do direito de preferência no caso de cessão a estranhos.

6.º — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, é confiada aos sócios Fernando Manuel Guerreiro Vargues, José Guerreiro Vargues e Romeu Guerreiro Vargues, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «Padarias Vargues & Filhos, Lda.» e tem a sua sede na Aldeia de Benafim Grande, freguesia de Alto, concelho de Loulé.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu início nesta data.

3.º — O objecto da sociedade consiste no fabrico e venda de pão e de outros produtos afins.

4.º — O capital social é de quatrocentos mil escudos integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social e dividido em quatro quotas de valor nominal de cem mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Abril de 1979.

O 3.º ajudante,
Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

COMPRO-SE

TERRENO OU PRÉDIO PARA DEMOLIR DE

PREFERÊNCIA C/ PROJETO APROVADO.

CONTACTAR PELO TELEF. 62449 — LOULÉ.

FESTIVAL DE MÚSICA

dado pela banda da Força Aérea em Loulé

(Continuação da pág. 1) este sarau comportou duas partes. A primeira composta de números de música de ínole clássica e a segunda mais de carácter popular a qual, encontrou por parte dos auditores e apreciadores da boa música maior acolhimento.

Da mesma maneira aparentemente fácil, segura e desemvolta, a Banda da Força Aérea soube extrair, até às mínimas virtualidades melódicas das partituras, uma ressonância e uma ênfase invulgares que lhes concederam ainda maior aparato e excelência.

Esteve pois entre nós uma embaixada musical de singulares méritos amplamente demonstrados na espêndida e brilhante actuação com que brindou a assistência louletana.

Por sua vez, esta não poupa aplausos que subiram de tom e de estridência no final das interpretações programadas, a pontas do maestro Alferes Costa Marques, em sinal de cortezia, ter dirigido composições extras que igualmente foram sublinhadas com copiosas ovações.

Teve pois o concerto um apoteótico final, a que o reduzido número de espectadores presentes no inicio (mas avultado no epílogo) deixou supôr.

Foi portanto um epílogo inteiramente consonante com a excente e invulgar noite de música propiciada pela Banda da Força Aérea ao público de Loulé, que entendeu e muito justificadamente, aclamar de pé.

Aqui também ficam expressos os nossos reiterados aplausos pelo comportamento artístico e cultural que a Banda da Força Aérea nos ofereceu e que ra-

ras vezes temos o enejo de contemplar em directo.

O programa constou dos seguintes números:

I Parte — Marcha Húngara, de H. Berlio; Lusitânia (abertura), de Fortunato de Sousa; Valsa Militar Belga, de Louis Fremaux; Suite Oriental, François Popy.

II Parte — Melodias de Franz Lehár, arranjo de H. J. Rhinow; Severa, arranjo de Rogério Gomes; Musicais, de Bernstein; Volta ao Mundo, de Paul Yoder e Harold Walters.

NOTAS BIOGRÁFICAS DO MAESTRO ALFERES COSTA MARQUES

Natural de Loulé, desde muito novo mostrou propensão para a música e aos oito anos de idade tocava flautim na banda local.

Depois de ter passado pela Escola Prática de Infantaria (Mafra) em 1948, onde assentou praça, e pelo Batalhão de Caçadores 5, em Lisboa, onde continuou a cultivar os seus estudos com o Maestro Armando Escoto, é colocado em 1957, na Força Aérea, quando da criação da Banda de Música.

Prosegue os seus estudos com o Maestro Lourenço Alves Ribeiro e ao ser promovido em 1968 a sargento-ajudante, passa a desempenhar as funções de Subchefe da Banda de Música da FAP.

Nos anos lectivos comprendidos entre 1972 e 1975 exerce a sua colaboração na qualidade de professor de Educação Musical Básica, na Escola Preparatória de Carolina Micaelis, em Loures.

No ano lectivo de 1977/78, frequenta o Curso de Formação de Oficiais Chefs de Banda de Música sendo, posteriormente, promovido a alferes, assumindo então as funções de Chefe de Banda de Música da F.A.P.

Afora as suas funções oficiais, o Maestro Mário Marques, tem-se dedicado a intensa actividade musical nos círculos amados do País, regendo várias Bandas Civis.

J. C. Viegas

Dr. Manuel Sousa Alves Matias

(Continuação da pág. 1) cumbências de Sub-Delegado de Saúde.

Como antes se aludiu é natural de Loulé, facto este que nos compraz assinalar, onde nasceu a 14 de Agosto de 1935, tendo-se formado em 1970, pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Fez carreira hospitalar no Hospital de S. José, em Lisboa de 1970 a 1979. É, portanto, médico com a especialidade de medicina interna adquirida nos Hospitais Civis da capital.

Está, a partir da data acima referida radicado em Loulé, e, independentemente das suas funções oficiais, exerce também assistência clínica particular.

Cumpre-nos pois apresentar ao novo e competente médico, nosso prezado conterrâneo, sinceras felicitações e votos de profícuo desempenho dos cargos que exerce.

FALECEU O DR. GUERREIRO MURTA

(Continuação da pág. 1)

António de Sousa Chumbinho. Era também sobrinha do falecido, a sr.ª D. Camila Jesus Renda.

O Dr. Guerreiro Murta, era diplomado em Letras pela Universidade de Lisboa, e formado em Direito.

Foi reitor do Liceu de Faro e ocupou depois idênticas funções no Liceu Passos Manuel, em Lisboa.

Desempenhou o cargo de administrador do Banco Nacional Ul-

tramarino e, socialmente exerceu o mister de presidente da Casa do Algarve. Durante 30 anos ocupou o lugar, graciosamente, sem remuneração, de presidente do Montepio Geral.

Independentemente das suas incumbências oficiais e sociais, o Dr. Guerreiro Murta, escreveu uma série de livros didáticos, que ainda hoje são folheados mercê dos ensinamentos que contém.

A família enlutada, do Dr. Guerreiro Murta, apresentamos as nossas sentidas condolências.

TURISMO E DEMOCRACIA

(Continuação da pág. 1)

Esta local foi difundida na sua edição de 26 de Abril pelo «Tempo» mas nós não acreditamos que seja verdadeira. E não acreditamos por não ser nem lógico, nem razoável, nem coerente que se tenha criticado Salazar por escolher para altos cargos pessoas de sua confiança e que fossem filiadas na União Nacional para agora se fazer exactamente o mesmo — só porque a União Nacional tem outros nomes.

Quanto ao dizer-se para aí que as Câmaras queriam acabar com a Comissão de Turismo também é inteiramente falso. Só o que as Câmaras do Algarve pretendiam era arrecadar (e ficar) com a totalidade das receitas de turismo... para fazer estradas e beneficência. Se depois a C. R. T. A. fosse morrendo à míngua de recursos financeiros e os seus funcionários a abandonassem por

não receberem os seus ordenados, a culpa não seria das Câmaras e lá estaria Cabrita Neto a sustentá-la porque, (como já disse publicamente) não se demitia e ainda por ser o único dirigente da C. R. T. A. que não recebe ordenado.

Isto faz-nos lembrar aquela velha história (auténtica) do cavalo do espanhol e muito conhecida dos louletanos da década de 30. Pois o nosso amigo espanhol vendia água ao domicílio com um cavalo e cãtaros e um dia lembrou-se que talvez a «leitura» de um jornal pudesse substituir a comida. Passados dias, quando o animal «já se tinha desabitado de comer», segundo ele afirmou é que o animal morreu...

Claro que o nosso amigo espanhol ficou muito admirado com a morte do cavalo e afirmou convictamente não ter culpa nenhuma pelo sucedido...
S. A.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

E há mais inda quem diga com firmeza
Que nas formosas noites de luar
De S. João na véspera à meia noite
Ouve-se a linda moura a suspirar.

Junto a Loulé
Ainda hoje dura
Da moura Cassima
A fonte pura.

E o vale ostenta
Por mui formoso
Risonho aspecto
E deleitoso.

Relvas viçosas
Frescas boninas
Nadam em águas
Bem cristalinhas.

Arvores frondosas
O estão orlando
mimosos frutos
Alimentando.

Quem a Loulé
For algum dia
Verá do vale
Essa magia.

E se for à fonte
Água beber
Também se ilude
Ouvir gemer.

Canto amoroso
Das ternas aves
Onde erguem cantos
Meigos, suaves.

E se tiver
Bem de memória
Da linda Cassima
Sabida a história.

Por isso a crença
Que ainda hoje dura
Dá o nome «Cassima»
A fonte pura.

É já tempo de deixar a vila, e seguir no mesmo estudo pelas freguesias do concelho.

A MOURA DE SALIR VII

Salir é povoação muito antiga. Razões de grande peso me convencem de que o seu nome, no tempo dos serracenos, e talvez antes, fôra Castalar.

No Roteiro de um cruzado, que assistiu à conquista de Silves, em tempo de D. Sancho I, há o seguinte período:

«De Silves até o Rio Guadiana são três dias de marcha, no decurso dos quais estão situadas as povoações de Faro, Loulé, Castalar, Tavira, Mértola e Serpa».

Pela ordem observada naquele período vê-se que a povoação de Castalar estava colocada entre Loulé e Tavira; ora não se encontra hoje, e nem consta pela tradição ou por quaisquer monumentos ou ruínas, que entre estas duas povoações existisse ou exista outra acastelada, a não ser Salir.

Como explicação ao Roteiro há uma nota em latim, que atribui a Constancio Gazzera, secretário da real academia de Turim, a cujos desvelos e cuidados se deve a publicação de tão útil versão, que diz:

«Castalar — locus quondam situs in poealta rupe ad flumen Alcaria, cuius rudera adhuc appellantur Castellos».

Esta descrição acomoda-se perfeitamente ao outeiro, onde, naquele tempo estava fundada Salir, a uns cem metros do lugar em que hoje se ergue a mesma povoação. O rio Alcaria, hoje uma ribeira com a mesma designação, os castelos e a alta rocha, ainda ali existem para atestar a minha afirmação. A fotografia do local fornece a sua melhor prova.

Batista Lopes, benemérito algarvio, chegou a convencer-se de que a velha Castalar estivera situada num sítio, chamado Castelo, na freguesia da Conceição de Tavira; mudou porém de opinião logo que verificou que em tal sítio não existiam vestígios de povoação antiga, nem torre ou castelo. Se o receio dos guerrilhas, que então infestavam os campos de Salir, não tivesse obstado a que o nosso patrício ilustre visitasse esta povoação, teria certamente verificado com os seus próprios olhos que fora ali o lugar ocupado pela antiga Castalar, memorada pelo cruzado.

Houve quem pensasse que o cruzado se queria referir a Cacela, mas esta opinião não só vai de encontro à ordem indicada no Roteiro, que colocou Castalar entre Loulé e Tavira, mas opõe-se à própria história antiga, que sempre deu a Cacela o nome — Hisn Kastala.

Sabe-se perfeitamente que nos últimos tempos do domínio serraceno gozava Salir ou Castalar de subida importância. Quando, em tempo de D. Sancho II, D. Paio Peres Correia tomou Tavira e notou que Aben-Fabilla, governador da cidade, desaparecera com os seus melhores soldados, pensou logo que se tivessem acolhido ao castelo de Salir, considerado pela sua situação inexpugnável. Foi-lhes no encalço, atacou fortemente o castelo, que, afinal, foi tomado.

O modo por que foi tomado o castelo deu origem a uma das mais bonitas lendas de mouras encantadas.

Consta pela tradição que num dia de manhã, depois de outros em que sitiantes e sitiados tinham obrado verdadeiras proezas, notaram aqueles que nenhum mouro aparecia sobre os muros. Re-

V VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA

Entre o sol e o público, o ciclismo foi um espectáculo!

Reportagem de
— JOSE MANUEL MENDES —

Terminou em verdadeira apoteose, a quinta edição da Volta ao Algarve em Bicicleta. Quem, na tarde do feriado de 1 de Maio, se deslocou até ao cerro da Piscota, para assistir ao final da derradeira etapa corrida, em contra-relógio individual, com partida de Loulé, não poderá ter ficado com dúvidas, sobre a verdadeira magia que o ciclismo exerce por onde passa.

Aliás, uma das constantes da prova que ora terminou, foi precisamente essa: a atração exercida sobre o público, que ao longo dos quatro dias, acorreu autenticamente em massa, à beira das estradas, às partidas e chegadas para ver e aplaudir os corredores.

Espectáculo de rara beleza e movimentação, o ciclismo afirmou-se como um cartaz imprescindível neste Algarve turístico, como um teatro ambulante, onde abundam os sentidos humanos e multícores, dos homens mailas bicicletas, com toda a caravana dos «loucos do pedal» atrás e à frente, enchendo a paralisação do tráfego normal das estradas.

Grande lição esta, do ciclismo, para a Comissão Regional de Turismo, que foi o principal patrocinador da prova e para as Câmaras Municipais, que também contribuíram com pequenos subsídios para a mesma. A verdade, é que é muito difícil encontrar no calendário da animação do Algarve, um acontecimento com esta dimensão, e com inúmeras potencialidades ainda por aproveitar.

Quanto à competição desportiva em si, estiveram presentes na V Volta ao Algarve os melhores atletas e as melhores equipas de Portugal.

Apenas o Coimbrões faltou à chamada, por falta de acordo sobre condições financeiras.

Sessenta e três ciclistas estiveram presentes à partida, no Prólogo ali na Pista Bexiga Peres, e o primeiro camisola amarela, o portista António Fernandes, como homem de pista que é, provou na estrada não ter o cabedal necessário e suficiente para aguentar o jersey do primeiro classificado.

Esperava-se que nas etapas seguintes, a anteceder a Fóia, a luta fosse mais acirrada do que realmente foi. Na verdade, à parte um ou outro fogacho, entregue a Carlos Raimundo, do Campinense,

se/Caranosa, a José Sá, do Zala Fundador, na etapa Loulé-Faro, e Pedro Rodrigues do Boavista, na etapa para Portimão, tudo acabou em sprints de pelotão compacto, com Alexandre Ruas, da Coelima, a fazer valer os seus dotes de melhor sprinter nacional, e que o levaram à vitória em Faro e Portimão, arrecadando pontos preciosos que quase lhe garantiram desde logo, a vitória na classificação por pontos, como se veio a verificar.

Tudo e todos, aguardavam a sentença do tribunal da Fóia. Toda a caravana, e todo o público expectante, pelo Algarve e Portugal adiante, contavam como certa a decisão da Volta ao Algarve, naquela que seria, e foi, a etapa mais longa, e mais difícil: precisamente 161 quilómetros!

Talvez por isso, porque a distância era de respeito, e de mais respeito ainda, eram os últimos nove quilómetros, de Monchique até à Fóia, os ciclistas percorreram cento e cinquenta quilómetros em ritmo de passeio, com jeito de ciclo-turismo, bebendo aqui e ali, comendo quando chegou a altura do abastecimento, e, nem os «penduras» tiveram grandes dificuldades, em respirar o ar puro da Serra de Monchique, lado a lado com os campeões.

Naquele jeito, dava para tudo, até daria para o Romeu Batista, veterano do Aljezur, apanhar a boéia do pelotão, e fazer o seu treino para desentorpecer as varizes, relembrando os anos, não muito longínquos, em que andou metido nestas andanças.

O piquenique ciclo-móvel, acabou quando, pouco antes de Monchique, tocou a trombeta de começar a subir. Aqui, o pelotão, que ia bem gordinho e anafadiño, começou a esticar-se, a esticar-se, e, aqui e ali, os mais fracos começaram a ficar. Entretanto, na frente, começava a montanha a parir um rato: Joaquim Cunha, da Coelima. Pois é. O moço aproveitou-se da apatia que ia reinando, e sem pedir licença, nem nada, abalou por ali acima, talvez, pensando só em amealhar algumas centenas de escudinhos, para compensar o desgaste da subida para a Fóia.

Assim aconteceu, realmente, mas à medida que passavam os quilómetros da grande rampa, perpassou pela caravana a sensação de que algo mais estava a passar-se. O grosso da coluna, deixou de ser. O pelotão era um farrapo. A fila de ciclistas, isolados, pendurados, era interminável. Na perseguição ao fugiti-

III ENCONTRO DE COROS NO ALGARVE

O Conservatório Regional do Algarve e o Grupo Coral de Lagos mais uma vez realizaram um encontro de Coros em que estiveram presentes o Coro da Covilhã, Castelo Branco, Coimbra, Lisboa, Olivais e os dois do Algarve.

A Sé Catedral de Faro mais uma vez foi pequena para todo o público que encheu de ponta a ponta e nunca é demais referir que 70% dessa assistência esteve de pé mais de 3 horas. É preciso gostar muito do que se está a ouvir e ver, para se aguentar tanto pouco cómoda forma, de ouvir um concerto.

O que foi o encontro, é difícil de descrever pois que cantando cada coro durante 10 minutos não é tempo suficiente para com justiça fazer uma ideia concreta.

Porém ao ouvir as 3 peças em que todos os coros actuaram em

conjunto, já podemos dizer que não é sensível a diferença entre cada coro, pois caso contrário não seria possível obter aquela perfeição a que assistimos emocionados.

Qualquer das obras escolhidas para final do concerto eram dignas de qualquer sala mundial, mas as duas últimas foram executadas de forma superior. O Gloria, de Schubert e o Canticorum Jubilo, de Haendel foram duas obras executadas com alma, com garra, a que o público correspondeu com uma estrondosa ovacão que levou a repetir a última. De parabéns estão todos os que contribuíram para esta grande jornada, mas não podemos esquecer que tudo isto é fruto saído dessa frondosa árvore que hoje já é o Conservatório Regional do Algarve.

P. A.

vo, um pequeno grupo. Quem punha mais, era o Firmino Bernardino, do Lousa/Trinaranjus. Mas também o «velho» Venceslau Fernandes, do Porto/U. B. P., mais o seu colega de equipa o Adelino Teixeira. Fernando Mendes, do Zala Fundador, aguentava-se como podia, magoado na clavícula como estava. José Madeira, do Campinense/Caranosa, a fazer uma prova magnífica! E, pasmem! Entre mais alguns, um jovem de 18 anos, com as cores do Campinense bem coladas no suor do corpo, aguentava-se e batia-se como um leão, no meio daquelas «feras» todas! Era ele, Luís Vargas, a grande revelação da V Volta ao Algarve. Revelação, para quem o não conhecia, nem lhe ouvira pronunciar o nome. Que, para nós, cá em baixo, mais do que uma revelação, ele é já uma certeza do ciclismo algarvio!

(Conclui no próximo número)

Os Rotários reuniram-se em Albufeira

No passado fim de semana, o Hotel Montechoro, em Albufeira, foi ponto de encontro para mais uma reunião rotária, que foi sem dúvida, a maior jamais realizada em Portugal.

Cerca de 700 participantes estiveram presentes na Conferência Rotária do Distrito n.º 196 (abrange todo o Portugal, Açores e Madeira) os quais deram uma inequívoca demonstração dum sádico companheirismo que anima os rotários.

Coube ao Rotary Clube de Albufeira (jovem Clube com 8 anos de existência) a notável realização desta 33.ª Conferência do Distrito Rotário 196. (A direcção do R. C. de Albufeira para o ano 1978/79 tem a seguinte composição: Presidente, Olávio Brazão, Secretário, Manuel Pandana; Tesoureiro, Cândido Vieira Coelho; Protocolo, Francisco Valentim e Orlando Cunha (Presidente da Comissão Organizadora); Cabrita Neto, fundador do Clube e seu primeiro Presidente em 1971/72).

Estiveram presentes praticamente todos os Clubes Rotários Portugueses (50 Clubes) e a Conferência foi presidida pelo Governador (78/79) do Distrito Rotário António José Saraiva. O Presidente de Rotários Internacionais Clem Renou, enviou seu representante à Conferência Pierre David, rotário francês de Lezignan Corbières, que já foi Governador de um Distrito Rotário em França.

Os temas da Conferência deste ano foram as seguintes:

- 1.º — O Distrito Rotário 196 e a Terceira Idade, que teve como moderador Mendes Quintela.
- 2.º — O Ano Internacional da Criança e Rotary, que teve como moderador Amadeu Andrés.

Os temas foram amplamente debatidos, tendo o Distrito 196 publicado livros sobre estes assuntos que foram distribuídos a todos os presentes. Teve a participação especial durante os trabalhos o Bispo do Algarve Dom Ernesto, que interveio directamente e elogiou as actividades dos Rotários Portugueses (foi a primeira vez que um Bispo católico participou directamente numa Conferência Rotária Portuguesa).

Os principais dirigentes dos Rotários em Portugal apresenta-

O concilium dos bacos

A Democracia vai morrer... Nunquém a vela.

Enquanto a maioria de esquerda espalhar por toda a parte, o seu engenho e arte de desestabilizar, o País latinizar que somos, continuará possuído de estranhas bestas aos coices com aqueles que por obras valerosas se vão da lei da Morte libertando.

Aqui, da Ocidental praia Lusitana, há Reis procurando dilatar o Império vicioso do comunismo e afirmando-se de peito ilustre enganam todos os cegos que obedecem à Cartilha Constitucional.

Cautelosos como os Mouros, de hábitos fingidos e bocas maliciosas, socialistas e comunistas, tão turvados na figura, impedem o funcionamento de todas as instituições democráticas e patrióticas desde que o Sol não lhes mostre a frota do totalitarismo, onde os Adamastores se repetem nos mares das mais amplas liberdades.

A Assembleia que deveria, com rosto humano, fabricar a legislação que permitisse a recuperação nacional, é o concilium dos Bacos onde impera o peito alheio, os soviéticos da roxa fronte, coadjuvados pelos que já aprenderam

a estorvar todas as batalhas que pretendam o renascimento de Portugal.

Para a democracia sobreviver terá de morrer a Constituição e com ela a maioria de esquerda. A Democracia não nasce da Sémele marxista nem se constrói com os Grãos Tebanos de maus intentos.

A crise em que vivemos não se trata dum simples efeito de má educação, de uma latinização ruborizada pelas contradições entre as coisas e as pessoas. Ela tem as pontas roxas e os olhos vermelfudos da trovejante infiltração do internacionalismo social-fascista, mais conhecido pelas brutais gentes que atraíam a Pátria como Antenor.

Andam em todas as terras com suas manhas, os duques do exílio, armados de fortes, valentes e experimentados, na teimosia de repetirem uma nova ditadura que nos mastigue.

Os Bacos do vinho já mataram a sua comercialização porque era a tradição das grandes riquezas dos Lusos. Apoderaram-se das especiarias africanas porque as cabeças e os braços dos Lusos eram colonialistas.

Na Assembleia diabólica de vulgaridades e baixezas, quase ninguém ousa perturbar o sentido falso da maioria fatídica que adivinha um futuro negro. Nota-se a concordância dos jogos de Belona, as traições dos rotos, com o crédito dos mares inimigos, dos enganos e dos perfídios costumes.

A Democracia não se constrói com os trovões horrendos de Vulcano destruindo os lares lusitanos. Torna-se necessário dissolver a maioria vulcânica da Assembleia escandalizada, para bem do vulto do homem Português, o poeta das Tágides, as céleus águas do Tejo. Precisamos de gente nova, fiéis aos passos da História, que não se colocuem numa cadeira ao pé do mastro de bandeiras internacionais, de braços cruzados e pernas trocadas, a comandarem friamente os artifícios ditoriais e os mameculos que, por ignorância, enveredaram pelo marxismo do Kremlin.

Reparai na «Liberdade» que há nos regimes impostos pela força social-fascista. Os axes da repressão, os fuzilamentos em massa, o acento tónico na mentira e na voz única dos mandarins. Por isso, multidão de Lusos descontentes, abri os olhos e vede de como é impossível recuperar Portugal, enquanto o concilium dos Bacos rejeitar toda a legislação tendente a melhorar a nossa situação. Que o vosso coração bata com tamanha força de modo a garantir, nas próximas eleições, uma maioria de patriotas e verdadeiros democratas! Desses que não se deixam cercar pelo processo dos Bacos!

Luis Pereira

Tratamentos fitossanitários da videira e árvores frutícolas

Da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, recebemos um comunicado relacionado com os tratamentos fitossanitários da videira e árvores frutícolas, que a seguir transcrevemos:

MÍLDIO DA VIDEIRA — Algunas vinhas da Região já se encontram em estado vegetativo muito adiantado. O tempo húmido (chuvas) pode favorecer as primeiras contaminações (focos primários), principalmente nas vinhas instaladas em terrenos com excessiva humidade, ou que estiveram submersas durante algum tempo. Recomendamos imediatamente a aplicação de um tratamento anti-míldio, usando fungicidas orgânicos ou organo-cuprícos.

OIDIO DA VIDEIRA — É uma doença muito generalizada nas nossas vinhas e que é vulgarmente conhecida por cinza ou cinzeiro. Em certos anos pode provocar grandes prejuízos, principalmente nas castas de uva de mesa, não só pela destruição de grande parte da produção, como também pela desvalorização re-

sultante do mau aspecto dos cachos contaminados.

É conveniente contrariar o desenvolvimento desta doença, quando as vinhas atingem o estado vegetativo de cachos visíveis, utilizando enxofre em pó e, principalmente, nas vinhas onde esta doença se tem manifestado com intensidade nos anos anteriores.

Em casos normais é possível controlar esta doença com três aplicações fixas de enxofre em pó que devem coincidir com os seguintes Estados Fenológicos: Cachos visíveis, desde a floração até à alímpa e durante a fase de grão de ervilha.

ALTICA DA VINHA (Pulgão) — Quando for observado o aparecimento desta praga, recomendamos a aplicação dos insecticidas, que actuam por contacto e ingestão e devem conter uma das seguintes substâncias activas:

Azinfinos-étilo, Azinfinos-étilo+lindano, Azinfinos-metílo, Carbam, Fosfomidão Lindano, Malatião